

ESTEIOS
Soeiro Pereira Gomes

OUTONO

CAMINHO

Fecharam os telhais. Com os prenúncios de Outono, as primeiras chuvas encheram de frémios o lodaçal negro dos esteiros, e o vento agreste abriu buracos nos trapos dos garotos, num arrepio de águas e de corpos. Também sobre os fomos e engenhos perpassou lufada desoladora, que não deixava o fumo erguer-se para o alto. Que indústria como aquela queria vento, é certo; mas sol também. Vento para enxugar e sol pra calcinar — sentenciavam os mestres. Mas o sol andava baixo: não calcinava o tijolo, nem as carnes juvenis da malta.

Menos por isso que pela fraqueza das vendas, os patrões não quiseram arriscar mais dinheiro nas fornadas. — Ano mau... Todos os anos se dizia o mesmo. Desde que apareceu a telha francesa, e o bloco de cimento levou tudo de mal a pior.

— Indústria pobre, Sr. Castro — chorava-se Zé Vicente ao pagar a renda do terreno. — Indústria pobre...

E era. Desde os garotos maltrapilhos aos valadores que vinham de muito longe — sete horas de comboio, a sonhar jornas impossíveis. Por isso, agora, o dia 7 de Setembro passava despercebido, sem festa. Dantes, era sagrado. Recebia-se a fêria, pagava-se os fiados de três meses e festejava-se a despedida. Os moços queimavam o resto das energias na ornamentação do telhai; arranjavam instrumental de latas e cegarregas; desfilavam em cortejo. E, enquanto o caniço verde dos esteiros ondulava no alto dos fornos, as canas secas dos foguetes subiam ao céu. Patrões e mestres sorriam, seguros da conciliação; moços e valadores cantavam, ansiosos de melhor vida.

Bons tempos, aqueles! Os mestres ainda berravam, como dantes: «Eh, gente! Vamos ligeiro, que esta fornada é o resto.» Mas a cadência dos passos não se alterava, porque o pessoal já sabia que ia pagar o descanso com sete meses de privações.

Assim ficaram as eiras desertas. Apenas no Telhai Grande havia ainda algumas dezenas de tijolos que o mestre mandara pôr em fio, por causa do tempo ruim. E, mesmo esses, depressa iriam engrossar as arrumas, bem cobertas de telha, e mais volumosas que quaisquer duas moradias da malta dos telhais.

Ali se guardava o suor de um Verão de fadigas. Vento e sol; fadigas e suor — era o que os telhais queriam.

No último sábado, os moços do Telhal Grande receberam a fêria com gritos de contentamento. As moedas não tapavam o fundo das algibeiras; mas os projectos transbordavam dos cérebros infantis. No dia seguinte abria

ESTEIROS
Soeiro Pereira Gomes

a Feira; ia haver esperas de toiros e toiradas, circos e cavalinhos. Por isso, a alegria dos rapazes punha em apuros o mestre, à hora do pagamento.

— Se não se calam, racho um! — vociferou ele, avançando para a porta da barraca.

Fez-se silêncio. Os que estavam mais próximos recuaram, temerosos. Mas logo Gineto gritou de longe: — O melhor é matar-nos!

— Para quê, pá? Só levava ossos... — comentou Sagui, indicando o corpo enfezado.

— Ou calam-se, ou paro com isto!

Calaram-se. Ficar sem féria seria perder a Feira. E a Feira era a verdadeira festa de despedida dos moços dos telhais. Cinco dias de pândega, entre um Verão de canseiras que findava e um Inverno de miséria que surgia. O pagamento prosseguiu.

— Malesso!

— Pronto — e agitando na mão o dinheiro recebido exclamou: — Este é pró fato novo...

— Novo de há dois anos, aldrabão — casquinou Gineto. — Amanhã é que se vê.

— Sagui! — chamou o mestre.

— Cá estou.

Detrás, um companheiro perguntou:

— Vais comer todos os bolos da Feira co'isso? — Se cá couberem...

Bateu na barriga, e a malta riu. Sagui era pequeno, mas tinha fama de comilão.

Só fama...

O mestre continuou:

— Guedelhas!

— Pronto.

O moço saiu cabisbaixo, a contar a féria que os irmãos e o pai, desempregado há dois meses, esperavam. Os companheiros sabiam disso, e não gracejaram.

— Gineto!

Sem responder, o moço adiantou-se, devagar.

— Tiveste sorte, hem! — disse o mestre com ironia. — Desta vez deitaste fora a temporada.

— Foi por gostar muito de você.

Frente a frente, olharam-se com raiva.

— Malandro... — rugiu o mestre.

— Cão! — ripostou Gineto. E saiu lépido, empurrando os companheiros.

Um destes gargalhou:

— Foge, Gineto.

— Foge o quê, pá? — estacou ameaçador. — Se ele me comer, tem que me largar pelo rabo. Que julgas?

O outro calou-se, amedrontado, e Gineto seguiu caminho, maldizendo o mestre e o telhai.

Quantas vezes, em horas de revolta surda, pensara pagar com juros

todas as injúrias do capataz e abandonar depois o trabalho. Já assim fizera em todos os telhais. Com 7 anos, ia o pai levá-lo pelas orelhas até à eira.

— Mestre: tome-me conta deste fidalgo.

Mas, antes de o pai chegar ao portão, atravessava ele o caniço dos esteiros e, mesmo vestido, atirava-se ao rio. A corrente era forte, mas na outra margem havia pássaros, toiros bravos a pastar e valados desconhecidos. A noite, esperava-o a tareia do costume, em vez da ceia, e na manhã seguinte regressava ao telhal pelas orelhas.

Morava no fim da vila, à beira dos esteiros. Da casa que o pai fizera, toda madeira e lata, viam-se os toiros pastar na outra margem e as rotas dos barcos. Havia tufos de junco nos esteiros e lixo abandonado. Mas Gineto sonhava conquistar todas as ruas. Quando pequeno, ainda convertera os esteiros em florestas e rebuscara no lixo brinquedos preciosos. Cedo, porém, se aborreceu daquele recanto monótono, só água e planície. A floresta dava-lhe pela cinta — era junco — e o lixo era lixo, apenas. Começaram então as fugas para a rua. A mãe bem lhe dizia ao fechar a porta: «Toma-me conta do pequeno!» Mas ele deixava o irmão a gatinhar na lama, e ia alvoroçar os garotos seus iguais. Ainda não era o Gineto ladrão. O nome veio-lhe depois com os assaltos aos pomares, florestas mais belas do que os esteiros. Mas já era mau e temido. Amigos tinha-os às vezes nos companheiros que precisavam da sua mão certa para matar galinhas à solta ou colher frutos em pomares recatados. Fora disso, era mesmo um gineto escorraçado.

Desta vez, porém, foi dominado pela Feira. Queria desferrar-se nos cinco dias festivos, sem os berros dos mestres e as pancadas do pai. Iria ver os acrobatas do circo; daria tiros ao canhão e passeios nos cavaleiros. E até havia de estancar o ardor do sangue, dentro das barracas de reposteiros vistosos, onde mulheres pintadas vendiam refrescos e beijos. Seria senhor da Feira e do seu destino; livre, como um homem.

Mas era preciso dinheiro, e então ficara no telhal. E, como um homem, vendeu os braços para que o dinheiro tilintasse agora no bolso das calças. Gineto sentia-se tão feliz que não se lembrou das lágrimas que a mãe havia de chorar por ele e pela féria da semana. Subiu o beco do Mirante a assobiar. As quintas estavam ali em frente a retalhar os vales e a seduzir olhares. O sol, ainda alto, tomava mais branco o branco dos muros e revivescia com reflexos doirados as folhas estioladas das videiras. Mas Gineto não receava a luz da tarde. Tinha a certeza que os caseiros não estariam de atalaia, entre os pomares, porque a melhor fruta já fora apanhada. O moço do telhal sabia de colheitas.

Todavia, chegado à estrada, hesitou. Pela primeira vez as suas quintas — suas, como ele dizia — não o atraíram. A Feira afagava-lhe o pensamento; o dinheiro tilintava no bolso... Era livre, sem a perseguição dos caseiros e cães de guarda... Não iria às uvas.

E seguiu estrada fora, antegozando a Feira. Festeiro de pés sem botas e calças com fundilhos, porque não tinha, como o Malesso e outros, um fato de feira para estrear.